

UM DILÚVIO MUNDIAL

*Pr. Wilson Borba**

Resumo

O artigo está dividido em duas partes: (1) Evidências Bíblicas de um Dilúvio Mundial e (2) Evidências do Dilúvio no Mundo Natural. Na primeira parte, o autor analisa o tempo despendido para construir uma arca grande o suficiente para abrigar as espécies de animais a serem preservadas. A existência de um único continente pré-diluviano é outro aspecto abordado. Esta configuração terrestre facilitaria a reunião dos animais. Notável é a menção feita por Jesus ao dilúvio, o que lhe valida a fidedignidade histórica. Na segunda parte, o autor procura demonstrar que os “cemitérios fósseis falam de morte por atacado”. A formação de enormes jazidas de carvão mineral e petróleo; o encaixe dos continentes; fósseis de vegetais e animais aquáticos em montanhas elevadas e árvores petrificadas são outros argumentos apresentados pelo autor a favor de um dilúvio mundial.

Abstract

The article is divided in two parts: (1) Biblical evidences of a world flood and (2) Evidences of the flood in the natural world. In the first part, the author analyzes the time dispensed to build an ark big enough to house the species of animals to be preserved. The existence of a single pre-flood continent is another aspect presented. This terrestrial configuration would facilitate the gathering of the animals. Jesus's remark about the flood is notable, giving it the validation of an historic trustworthiness. In the second part, the author seeks to demonstrate that the fossils' cemeteries speak of death in large scale. The formation of enormous mineral coal and petroleum beds, the fitting of the continents, the fossils of vegetable and aquatic animals in high mountains and petrified trees, are other arguments presented by the author in favor of a world flood.

Evidências Bíblicas de um Dilúvio Mundial

A Bíblia trata do Dilúvio como um acontecimento literal, histórico e de extensão global no planeta Terra.

*Pr. Wilson Borba é Diretor de Ministério Pessoal e Escola Sabatina da Associação Planalto Central, Brasília – DF.

Em suas páginas se menciona um período breve para o Dilúvio acerca do qual se proporcionam informações no livro do Gênesis.

Segundo o texto hebraico deste livro bíblico, desde a criação de Adão até o Dilúvio transcorreram 1656 anos. Na versão grega conhecida como Septuaginta se indica um lapso de 2262 anos até o cataclismo diluviano. Em ambos textos se proporcionam as datas que indicam que o Dilúvio teve uma duração de um ano e dez dias (Gn 7:11; 8:14 a 19).¹

Pode-se reconhecer pelo espaço que o autor do livro dedicou ao assunto do Dilúvio, que este foi um evento de grande importância na história.

No ano seiscentos da vida de Noé, aos dezessete dias do segundo mês, nesse dia romperam-se todas as fontes do grande abismo, e as comportas dos céus se abriram. A data precisa, com sua falta de simbolismo óbvio, traz as marcas de um fato real bem lembrado.²

Os primeiros capítulos do Gênesis tratam de assuntos universais como a Criação, a Queda, a Tábua das Nações, a Corrupção dos seres humanos e a Dispersão da Humanidade. Inserido nestes primeiros onze capítulos encontra-se o assunto do Dilúvio constituindo evidência favorável para um cataclisma universal.

Os preparativos que Noé fez para o Dilúvio indicam a grandeza e extensão do mesmo. De acordo com as instruções de Deus a Arca devia ser planejada de modo que se lhe garantissem não tanto a mobilidade como a capacidade de carga e estabilidade na flutuação.

Quanto as dimensões, seriam estas: 300 cúbitos de comprimento, 50 cúbitos de largura e 30 cúbitos de altura. Admitindo que o cúbito equivalia a 48 cm (não se pode afirmar qual era a medida exata, mas esta é das menores sugeridas pelas autoridades no assunto) a capacidade total da arca era de aproximadamente 426.720 metros cúbicos. O equivalente a 522 veículos próprios para o transporte de animais do padrão usual em nossas estradas modernas.³

Ela deveria abrigar e salvar sete casais de todas as aves e animais limpos e um casal de cada ave e animal imundo (ver Gn 7: 2 e 3).

Os entendidos calculam que há menos de 18.000 espécies de mamíferos, aves, répteis e anfíbios no mundo hodierno. Mesmo supondo que as espécies biológicas sejam iguais às mencionadas em Gênesis (na maioria, a espécie mencionada em Gênesis era uma unidade de maior âmbito em comparação com as classificações biológicas modernas), e supondo que o porte médio das espécies seja o de uma ovelha (estimativa que oferece ampla margem de segurança), pode-se calcular que a capacidade da Arca era sobejamente grande para sua finalidade. Sabe-se que um veículo apropriado pode transportar perto de 240 ovelhas, de

¹El *Universitário Adventista*, Departamento de Educação da Divisão Sul Americana, 17.

²Derek Kidner, *Gênesis, introdução e comentário* (São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1985), 85.

³*Criação ou evolução* (São Paulo: Editora Fiel), 64.

modo que 150 desses veículos seriam suficientes para o transporte de 36.000 animais desse porte. Ora, isso representa menos de um terço do tamanho da Arca.⁴

Não está fora de cogitação que Noé teria construído um barco do tamanho da Arca, necessitando de uma quantidade imensa de madeira, e de muitíssima mão de obra, se o Dilúvio fosse apenas uma enchente local, podendo as pessoas e os animais fugir para lugar seguro?

O Dilúvio apresentado na Bíblia contraria a teoria de uma inundação local.

“Se o Dilúvio foi somente um dilúvio local ou regional, seria loucura gastar 120 anos para preparar uma arca suficientemente grande para carregar animais do mundo inteiro.”⁵

O registro sagrado declara que o Dilúvio cobriu os topos das mais altas montanhas (Gn 7:19 e 20) e que esta situação prevaleceu somente dez meses (8:5) depois do começo do Dilúvio.

Se as montanhas tinham a mesma elevação como agora, como a teoria do dilúvio-local assume, as águas foram no mínimo a 17.000 pés de altura (o monte Ararat, no qual a Arca repousou, tem esta altura) por um período de no mínimo 9 meses. Ao requerer, como uma condição para um dilúvio-local, impõe-se uma demanda hidráulica impossível de água envolvida.⁶

É evidente que um dilúvio que pode cobrir montanhas de 17.000 pés de altura não pode ser um dilúvio local e tranquilo.

Insistem alguns defensores do dilúvio tranquilo que o dilúvio foi circunscrito a Ásia onde Noé estava e que ele descreveu como “todas” apenas as montanhas que ele pôde ver. Entretanto, como veremos adiante, a “evidência indica que Sibéria, Alasca, Europa, e América do Norte todos foram envolvidos naquela grande catástrofe. Evidência da Austrália e outras partes indicam que partes do sul do mundo foram também envolvidas.”⁷

Um modelo começa com uma premissa básica. A Evolução, por exemplo, parte do princípio que leis naturais e eventos podem explicar todas as coisas incluindo a origem da vida.

O criacionista especial e o diluvionista, no entanto, começam com a premissa que a mente humana é finita ou está em desvantagem. Por causa das limitações do homem ele não pode aprender algumas coisas exceto através do processo especial chamado Revelação.

Ainda que Moisés pôde contar com a tradição oral para descrever os fatos do Dilúvio devemos lembrar que ele era um autor inspirado e que dependia da

⁴Ibid., 65.

⁵Henry M. Morris, *Scientific Criacionism* (San Diego, CA: Creation Life Publishers), 253.

⁶Ibid., 252, 253.

⁷Carl E. Baugh, Clifford A. Wilson, *Dinosaur* (Orange, CA: Promise Publishing CO, 1991), 115.

Revelação divina. A Noé foi revelado a vinda do Dilúvio e os preparativos que deveria fazer.

“A sobrenatural revelação concedida a Noé referente a Arca, um século antes do Dilúvio, serve para enfatizar o fato que o Dilúvio não foi um mero evento natural na história da Terra.”⁸

Alguns críticos tentam colocar em dúvida o Dilúvio universal a partir de perguntas como esta: “como teriam viajado os cangurus da Austrália para entrar na arca de Noé?”

Possivelmente da mesma maneira como chegaram lá.

Uma grande faixa de terra aparentemente conectava Ásia e Austrália no imediato período pós-Dilúvio. Durante esta mais intensa fase da era do gelo vastas quantidades de água foram fechadas nas regiões polares de tal modo que os níveis dos oceanos eram centenas de pés mais baixos do que eles são agora.⁹

Outros acham que Noé colocou na Arca apenas os animais domésticos, e que isso resolveria uma série de problemas tais como abrigar as altas girafas, os enormes elefantes e os felinos selvagens.

O propósito divino, porém em enviar o Dilúvio era amplo: “Disse o Senhor: Farei desaparecer da face da terra o homem que criei, o homem e o animal, os répteis e as aves dos céus; porque me arrependo de os haver feito” (Gn 6:7).

Como se cumpriria o propósito divino se Noé houvesse recebido na Arca apenas animais domésticos?

O Dilúvio, contudo, não foi enviado apenas com o propósito de destruir, mas de separar e manter na terra homens piedosos (ver Gn 6:8 e 9).

Após o Dilúvio, Deus segue a intenção original de abençoar a humanidade (ver Gn 9:1) procedendo como que uma segunda criação.

Um dos mais difíceis problemas para serem enfrentados por aqueles que negam que o Dilúvio foi universal é o concerto que Deus fez com Noé após o Dilúvio ter terminado.

Se o Dilúvio destruiu somente uma parte da raça humana, então aqueles que escaparam das águas do Dilúvio não foram incluídos no concerto do arco-íris. Somente com respeito aos descendentes de Noé teriam os pássaros, bestas e peixes temor e medo (Gn 9:2); eles somente seriam proibidos de comer carne com o sangue (9:3-4); e eles somente teriam a autoridade de tomar a vida (9:5 e 6).¹⁰

As Escrituras, tanto do Antigo como do Novo Testamento, consistentemente referem-se ao Dilúvio em um modo mais apropriado para um evento histórico (ver Is 54:9; Hb11:7; 1Pe 3:20 e 2Pe 2:5).

⁸John Whitcomb Jr., *The World Perished* (Grand Rapids, MI: Baker Book House), 23.

⁹Ibid., 25.

¹⁰John C. Whitcomb e Henry M. Morris, *The Genesis Flood* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing, 1992), 22.

Cristo considerou-o como um acontecimento histórico (ver Mt 24:37-39; Lc 17:26 e 27).

“Se ele era um mito religioso, e Ele reconheceu-o como fato, Ele fez declarações enganosas. Entretanto, Ele apelou para o Dilúvio como um fundamento histórico ou paralelo para um ponto que Ele desejava alcançar.”¹¹

Se o Dilúvio não foi real e universal, a partir do momento em que Jesus assim o apresentou, colocou em risco a credibilidade dos Seus ensinamentos quanto a realidade do maior evento da História: Sua Segunda Vinda em glória e majestade.

A Segunda Vinda do Senhor será universalmente visível, gloriosa e audível (ver Mt 24:27, 30 e 31; Ap 1:7).

Alguns intérpretes precipitadamente concluem pela leitura de Mt 24:38 e 39 que a vinda do Senhor será secreta e não percebida pela maioria das pessoas do mundo, mas é exatamente o contrário o que Jesus ensinou fazendo um paralelo com o Dilúvio. “Portanto, assim como nos dias anteriores ao dilúvio comiam e bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e não o perceberam senão quando veio o dilúvio e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do homem” (Mt 24:38,39).

O que a geração de Noé não percebeu, não foi a chegada do Dilúvio, mas obviamente o momento em que finalmente a oportunidade de salvar-se passou e a porta da Arca foi fechada. Assim, o mundo inteiro será tomado de surpresa pois a porta da graça será fechada em hora que ninguém sabe, e como o Dilúvio “levou a todos, assim será também a vinda do Filho do homem” (v. 39).

Afirma o apóstolo Pedro que enquanto o mundo foi uma vez destruído pela água, um segundo dilúvio, desta vez de fogo purificará a terra do pecado (ver 2Pe 3:7).

Unindo-se os raios do Céu com o fogo na Terra as montanhas arderão como uma fornalha, e derramarão terríveis correntes de lava, submergindo jardins e campos, vilas e cidades. Massas fervilhantes derretidas, ao serem arremessadas nos rios farão com que as águas entrem em ebulição arremetendo rochas maciças com indescritível violência e espalhando seus fragmentos sobre a terra. Rios tornar-se-ão secos. A Terra se convulsionará; por toda a parte haverá tremendos terremotos e erupções. Assim destruirá Deus os ímpios da Terra. Mas os justos serão preservados destas comoções, como o foi Noé na arca.¹²

¹¹Gerald W. Wheeler, *The Two-Tailed Dinosaur* (Nashville, TN: Southern Publishing Association), 194.

¹²Ellen G. White, *Patriarcas e profetas* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1976), 108, 109.

Evidências do Dilúvio no Mundo Natural

As rochas e os fósseis providenciam a mais conhecida fonte de evidência para o teste do Dilúvio.

1) Cemitérios fósseis:

Cemitérios fósseis falam de morte por atacado. A cama de ossos de Agate Springs, Nebraska, contém uma confusão de ossos de milhares de mamíferos incluindo rinocerontes, camelos, porcos gigantes, e outros animais que viviam não muito distante da área. Os ossos e as rochas circunvizinhas têm indicações que água depositou-lhes depois que os corpos tinham decaído suficientemente para as correntes arrancar-lhes as partes. Na Cícília, tem depósitos de ossos de hipopótamos tão extensivamente que pessoas têm extraído deles como uma fonte de carvão comercial.¹³

2) Camadas Descobertas:

No Grand Canyon e em muitas áreas circunvizinhas que sofreram profundas erosões, podemos ver camada sobre camada de depósitos bem abaixo do leito de granito assentado no fundo. As camadas vistas nas erosões profundas do Grand Canyon correspondem a grandes áreas contínuas subterrâneas conforme mostra o fundo dos poços de petróleo. Parece que elas estão na mesma ordem onde quer que apareçam. As camadas finas podem se estender por centenas de quilômetros no território. Em todo o lugar há evidência de que no passado houve uma ação global da água. O quadro de um Dilúvio universal é o único que nos serve como modelo.¹⁴

3) A Formação do Carvão e do Petróleo: As estimadas sete trilhões de toneladas de carvão da Terra oferecem outra forma de suporte para o paradigma do Dilúvio. “Nesse tempo imensas florestas foram sepultadas. Estas foram depois transformadas em carvão formando as extensas camadas carboníferas que hoje existem, e também fornecendo grande quantidade de óleo.”¹⁵

4) As Atividades Vulcânicas e Sísmicas:

O carvão e o óleo frequentemente se acendem e queimam debaixo da terra. Assim as rochas são aquecidas, queimada a pedra de cal, e derretido o minério de ferro. A ação da água sobre a cal aumenta a fúria do intenso calor, e determina os terremotos, vulcões e violentas erupções.¹⁶

5) Depósitos Vulcânicos de Quantidade sem Paralelo: Devemos lembrar que o Senhor fez “romperem-se todas as fontes do grande abismo” (Gn 7:11). “Também houve comoções violentas tais como terremotos, atividades vulcânicas e as águas que irrompiam arrojando ao ar enormes rochas.”¹⁷

Segundo William Lovelless:

¹³Wheeler, 116.

¹⁴Harry J. Baerg, *O mundo já foi melhor* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1992), 41, 42.

¹⁵White, Patriarcas e profetas, 107.

¹⁶Ibid., 107.

¹⁷Idem, “O Gênesis e a Geologia”, em *Comentário Bíblico Adventista del Séptimo Dia*, vol. 1.

Para imaginar o que aconteceu, o que todos vocês deveriam fazer, é ir a John Day, Oregon, e fazer uma pequena escavação como os estudantes do colégio fazem cada ano. Ali você encontrará centenas de milhas quadradas de depósitos vulcânicos. Quando isto aconteceu? Como aconteceu? Nada há hoje semelhante. Quando um vulcão irrompe no Sul do Pacífico ou eleva sua cabeça em algum lugar na Turquia ele aparece na primeira página. Mas é apenas um pequeno dedo em comparação ao que aconteceu quando os depósitos de John Day foram feitos.¹⁸

Howe afirma: “Estas rochas recentes na terra do John Day em minha opinião foram depositadas ou imediatamente após o Dilúvio de Noé ou durante o estágio final do Dilúvio.”¹⁹

6) O Encaixe de Continentes: A idéia de que os continentes podem ser encaixados juntamente como num quebra-cabeças para formar um único supercontinente é antiga.

Especialmente interessante é como o leste da América do Sul pode encaixar-se ao sudoeste da África. Recentes investigações têm usado computadores para encaixar os continentes. Aqueles que apreciam o total encaixe dos continentes chamam de evidência “constrangedora” enquanto outros que notam vazios permanecem céticos.²⁰

Para Rohrer a Bíblia pode dar indício desse acontecimento:

A causa do Dilúvio de Noé é descrita em termos tectônicos: “todas as fontes do grande abismo quebraram” (Gn 7:11). A palavra hebraica para “quebraram” é *BAGA* e é usada em outras passagens do Velho Testamento (Zc 14:4; Nm 16:31) para referir-se ao fenômeno geológico de defeito. Se a separação continental ocorreu durante o Dilúvio de Noé, uma hoste de problemas no dilema tectônico pode ser resolvido como a grande quantidade de rochas vulcânicas nas águas do mar. Os fatos indicam que a separação dos continentes, empurrando as trincheiras dos oceanos foi realizada por rápidos processos, que não ocorrem hoje, e iniciados por um mecanismo catastrófico.²¹

7) A Formação de Cadeias de Montanhas:

Em muitos lugares, colinas e montanhas tinham desaparecido não deixando vestígio do lugar em que se achavam; planícies haviam dado o lugar a cadeias de montanhas. Estas transformações eram mais acentuadas em alguns lugares do que em outros.²²

8) Fósseis Encontrados em Montanhas:

¹⁸William Loveless, *What a Beginning* (Washington, DC: Review and Herald Publishing Association).

¹⁹George F. Howe, *Speak to the Earth Creation Studies in Geoscience* (Presbyterian and Reformed Publishing Company), 225.

²⁰Duanet Gish e Donald H. Rohrer, *Up with Creation* (San Diego, CA: Creation Life Publishers), 175.

²¹*Ibid.*, 179.

²²White, *Patriarcas e profetas*, 107.

Humboldt encontrou vários depósitos de hulha, detritos de antigas florestas e vegetais aquáticos e terrestres sepultados em Guanaco, na América do Sul, a uma altura de 13.000 pés, perto dos limites atuais das neves eternas. Encontram-se ossadas de mastodontes sobre as Cordilheiras, a uma altura de 8.000 pés. No Himalaia, avalanches de neves caíram de uma altura de 16.000 pés; arrastaram brechas ossosas e têm-se encontrado ali segundo Lyell petrificações a 18.400 pés de altura. Encontram-se geralmente depósitos de ossadas de animais ante-diluvianos nas mais altas montanhas do mundo, Monte Branco, Himalaia e Cordilheiras.²³

Nos rochedos e colinas do estado de Wyoming, nos Estados Unidos podemos quebrar um pedaço de rocha e encontrar folhas de sequóia, moscas com asas estendidas, peixes, conchas demonstrando que somente um dilúvio poderia ter ocorrido para depositá-los no alto das montanhas e serem fossilizados intactamente.

9) Extinção de Numerosos Tipos de Plantas:

Referências de textos padrões em paleobotânica demonstrarão os numerosos tipos de plantas encontrados em camadas fósseis que não são conhecidos na terra hoje. Grupos inteiros tais como as Calamites, Cordaitales, Cycadofilicales, Bennettitales, e as Caytoniales, só para mencionar uns poucos têm desaparecido.²⁴

A extinção de muitas espécies é exatamente o que alguém preveria se tivesse acontecido um grande dilúvio.

10) Mudanças Drásticas de Temperatura e Surgimento de Imensas Quantidades de Gelo: Cinzas vulcânicas são muito efetivas em reduzir as radiações solares. Na parte setentrional da Califórnia em pequena área entre Feather e Pit Rivers tem 150 cones de vulcões extintos. Tal atividade na época do Dilúvio (ver item 5) pode ter absorvido o calor do sol.

Tem sido calculado que se nossa temperatura foi reduzida em 5 graus F do presente, providenciaria condições de umidade favoráveis e grandes quantidades de gelo poderiam começar a formar em montanhas e em platôs de áreas niveladas na zona temperada norte. Com a abundância de água enchendo todas as áreas continentais baixas no término do Dilúvio, com precipitações pesadas devido ao ar frio e mares quentes, com redução de radiação solar tanto como resultado de atividades vulcânicas, haveria toda razão para esperar que tremendas quantidades de água seriam seguradas como neve e gelo em regiões polares e temperadas nos continentes.²⁵

11) O Notável Testemunho de Darwin: Darwin e Wallace foram impressionados pela evidência de destruição em massa. Em seu jornal de pesquisas escreveu de sua admiração ao ver fósseis na América do Sul que ele visitou na viagem do Beagle em 1845.

A mente é de início irresistivelmente levada a crença que alguma grande catástrofe tem ocorrido. Para destruir animais ambos grandes e pequenos no sul da Patagônia, no Brasil, na

²³Henrich Reush, *A Bíblia e a natureza* (Porto: Livraria Internacional), 2:44.

²⁴Walter Lammerts, "Select Articles from the Creation", *Research Society Quarterly*, 1 (1964-1968), 294, 295.

²⁵Frank Lewis Marsh, *Life, Man and Time* (Out Door Pictures), 122.

Cordilheira, na América do Norte para o Estreito de Behring precisamos sacudir a estrutura inteira do mundo. Certamente nenhum fato através da história do mundo é tão surpreendente como a ampla exterminação de seus habitantes.²⁶

12) Animais que Morreram Alimentando-se: Um dos que mais estudou os fósseis dos milhares de mamutes da Sibéria foi Howard.

Howard escreveu que tinha confirmado muitas vezes que o conteúdo dos estômagos destes gigantes tinha sido examinado cuidadosamente e mostravam conter comida ainda não digerida, composta de folhas de árvores agora encontradas no sul da Sibéria.²⁷

13) Esqueletos e Escamas de Peixes Fossilizados: Outra interessante evidência de rápido soterramento é vista nos esqueletos e escamas de peixes fossilizados.

Milhares de quilômetros quadrados de argila xistosa, mesclados com escamas de peixes fossilizados são encontrados nos Estados ao norte das Montanhas Rochosas (o Xisto Mowry). Que explicação damos para os milhões de escamas de peixes fossilizados?²⁸

Conclui-se que os corpos de miríades de peixes foram repentinamente e simultaneamente mortos em poucas horas tanto que "... a carne, o fígado, o canal alimentar e outras partes ficaram inquestionavelmente intactas, quando foram lacrados pelos sedimentos."²⁹

14) Fósseis de Dinossauros: Centenas de pegadas de dinossauros foram encontradas nos Estados de Massachussets e Conecticut. Alguns dos melhores esqueletos de dinossauros encontram-se em museus europeus e americanos como o Museu Americano de História Natural em Nova Iorque e o Smithsonian Institution de Washington DC.

Os cientistas tem-se perguntado por muitos anos porque os ossos de dinossauros são encontrados apenas em certas camadas de rocha. A terra e areia depositadas acima dessas camadas de rocha não contém ossos de dinossauros. Parece que os dinossauros foram extintos rapidamente. Porque morreram subitamente? Essas são perguntas às quais os cientistas tem procurado responder.³⁰

Um dilúvio universal pode explicar a seqüência de fósseis encontrados na coluna geológica e o misterioso desaparecimento dos dinossauros.

15) Árvores Petrificadas: Por muito tempo geólogos e paleontólogos apresentaram teorias que vistas superficialmente pareciam corretas, mas que se

²⁶Arthur C. Custance, *Evolution or Creation?* (Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House), 96.

²⁷Ibid., 98.

²⁸Harold G. Coffin, *Aventuras da criação* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1993), 104.

²⁹Alonzo L. Baker e Francis D. Nichol, *The Flood Creation not Evolution* (Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association), 61.

³⁰Ruth Wheeler e Harold G. Coffin, *Os dinossauros* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996), 30.

provaram falsas mais tarde. Entre tais teorias está aquela conclusão que todas as árvores petrificadas encontradas em posição vertical estão em suas posições de crescimento (autóctone). Mas,

... o crescimento de tantas florestas sucessivas, umas sobre as outras requer pelo menos 15.000 anos. Esta estimativa é feita tendo como base 300 anéis como o tamanho médio da árvore mais velha para cada nível, cifras conservadoras derivadas da Floresta Petrificada de Specimen Creek localizada no Parque de Yellowstone. Se usarmos estes cálculos a Specimen Petrified Forest, com mais do dobro de camadas de árvores, requeria mais de 40.000 anos.³¹

Pesquisas têm demonstrado que quando o Monte Santa Helena explodiu em 1980, uma gigantesca jangada de troncos foi criada sobre a superfície do lago adjacente chamado Spirit Lake. Muitos dos troncos que flutuavam no lago, especialmente aqueles que tinham raízes ficaram em posições eretas.

Os fósseis de árvores eretas no contexto geológico são compatíveis com o modelo do Dilúvio. Na realidade quando todos os fatores são considerados, uma catástrofe que envolve água e um grande número de árvores flutuantes, oferece uma explanação mais satisfatória para a origem delas.³²

É necessário lembrar que as provas naturais do passado que se acham à disposição dos cientistas para estudo são de natureza subjetiva ou persuasiva. Ao estudar a natureza uniformitaristas e os diluvialistas encaram as mesmas evidências ou pontos de prova e apresentam suas respectivas interpretações.

Dr. Frank Lewis Marsh pergunta e responde: “Qual explicação é a melhor? Isso depende de onde desejais colocar a vossa fé.”³³

³¹Harold G. Coffin, “O Enigma das Árvores Petrificadas”, *Revista Diálogo* I, 1992, 11.

³²Ibid., 31.

³³Frank L. Marsh, *Evolução ou criação especial* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira), 32.